Tribuna Metalúrgica

SINDICATO DOS METALÚRGICOS ABC CUT

EDIÇÃO 4899 | TERÇA-FEIRA, 8 DE MARÇO DE 2022 | SMABC.ORG.BR | 11 97407-3791

CHÃO DE FÁBRICA

NO DIA INTERNACIONAL DA MULHER, O SINDICATO EXIBE, ÀS 18H, CURTA QUE NARRA DILEMAS DE QUATRO TRABALHADORAS METALÚRGICAS. A DIRETORA NINA KOPKO, QUE PARTICIPARÁ DA SESSÃO, CONVERSOU COM A TRIBUNA SOBRE A OBRA.

realização Boulevard filmes

apoio SMABC

apoio equipamentos MONSTERCAM

apoio finalização de som BUCARESTE Ateliê de Cinema, THE FOLEY CREW

apoio finalização de imagem DOT, MISTIKA

NOTAS E RECADOS

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Sem machismo

Após as falas machistas e sexistas do deputado Arthur do Val sobre mulheres ucranianas, diversos parlamentares apresentaram pedidos de cassação do mandato.

Diferença de renda

O Banco Mundial divulgou que mulheres têm menos oportunidades e direitos econômicos que os homens. Apenas 95 países mantêm uma remuneração igualitária.

Marielle, presente!

O MST preparou o plantio de árvores em homenagem à vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, assassinada em 2018. A ação quer denunciar a impunidade do crime.

Mulheres na pandemia

As mulheres foram mais afetadas pela pandemia do que os homens. Violência, saúde mental e desemprego foram os pontos mais prejudiciais do período, segundo a ONU.

Tribuna Metalúrgica

Sede
Rua João Basso, 231 – Centro – São Bernardo
CEP: 09721-100 – **Tel:** 4128-4200
www.smabc.org.br – imprensa@smabc.org.br

Regional Diadema
Av. Encarnação, 290 – Piraporinha
CEP: 09960-010 – **Tel:** 4061-1040

Regional Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra
Rua Felipe Sabbag, 149 – Centro – Ribeirão Pires
CEP: 09400-130 – **Tel:** 4823-6898

Diretor Responsável: Claudionor Vieira.
Repórter: Olga Defavari e Lucas Pascoto.
Arte e Diagramação: Rogério Bregaida Jr.

/SMABC SINDMETALABC @SMABC

"QUE A GENTE ENCONTRE NO PASSADO, O ECO DA LUTA DAS MULHERES PARA RESGATAR A FORÇA E BATALHAR NO PRESENTE"

A diretora do curta "Chão de Fábrica", que será exibido hoje no Sindicato, conversou com a Tribuna sobre a obra que conta a história de quatro trabalhadoras metalúrgicas, no final da década de 1970

Hoje, Dia Internacional da Mulher, o Sindicato exibe, às 18h, no 3º andar, o curta metragem "Chão de Fábrica", que conta a história de quatro trabalhadoras metalúrgicas, em São Bernardo, no final da década de 1970. Elas se encontram no banheiro da fábrica, durante o intervalo de almoço, e ali debatem sobre a vida, política, greves e condições de trabalho. As cenas foram filmadas onde funcionava a Karmann-Ghia. A sessão contará com a participação da diretora e das atrizes para uma conversa com o público ao final da exibição.

A diretora Nina Kopko conversou com a Tribuna sobre o processo de produção, a urgência de expor o tema e os possíveis desdobramentos da obra.

Tribuna Metalúrgica – Para começar, gostaria que você comentasse o processo de produção. Foi um filme feito como poucos recursos, certo?

Nina Kopko – Foi um filme feito com pouquíssimos recursos, a produtora e eu colocamos dinheiro nosso. Normalmente curtas são feitos através de edital, mas pelo tema da obra, além do momento político em que vivemos, optamos por não tentar editais acreditando que alguma forma de censura poderia ocorrer. Como eu tinha muita urgência em realizar esse filme, não quisemos esperar e ficar tentando um dinheiro que poderia nunca vir. Foi feito na raça e na guerrilha, graças a parcerias como a do Sindicato e de toda a equipe que trabalhou de graça, querendo muito contar essa história.

TM – Como foi filmar na Karmann-Ghia?

Nina Kopko – Foi incrível. O fato de poder filmar numa metalúrgica desativada foi muito importante para dar toda a densidade das histórias. Agora vemos o que restou dessa fábrica, vemos principalmente o quanto esse capitalismo perverso é exploratório, o que resta é só uma ruína. Foi muito forte para mim quando eu entrei pela primeira vez nesse banheiro, foi muito emocionalmente imaginar tantas vidas que passaram ali, tantas risadas, lágrimas que foram compartilhadas ali, tanto suor que esse banheiro viu. Filmar na Karmann-Ghia foi um presente no sentido de poder contar essa história, mas também teve um peso de sentir a dor e a força daquele lugar.

> "Foi feito na raça e na guerrilha, graças a parcerias como a do Sindicato e de toda a equipe"

TM – Por que filmar esse curta?

Nina Kopko – Eu decidi fazer esse curta porque essa história não havia sido contada, durante a faculdade de cinema vi muitos filmes sobre as greves do ABC, e víamos a maioria de homens, são pouquíssimas as mulheres. Por conta do patriarcado, muitas não podiam estar ali, porque, diferente dos homens, elas ainda tinham a casa, os filhos, marido para cuidar. E a jornada da luta sindical é muito pesada, praticamente impossível. Mas elas não eram alienadas, sabiam dos seus direitos. Essa história precisava ser contada, porque a luta da mulher trabalhadora é muito importante, é muito urgente e está cada vez mais ameaçada. Por tudo isso é fundamental contar essa história que foi invisibilizada, silenciada e esquecida.

> "Filmar na Karmann-Ghia foi um presente no sentido de poder contar essa história, mas também teve um peso de sentir a dor e a força daquele lugar"

TM – Quais são os principais temas abordados durante a conversa dessas mulheres no banheiro?

Nina Kopko – As mulheres desse filme falam sobre maternidade, trabalho na fábrica, ausência de direitos trabalhistas, machismo, sobre seus dias, desejos, sonhos e dores.

TM – Quem são essas personagens?

Nina Kopko – São quatros trabalhadoras metalúrgicas que têm diferentes histórias de vida. Uma está no primeiro dia de trabalho, há as que são mais politizadas, que participam de atividades de greve, e tem a que é mais alienada, que ainda está despertando para uma consciência política com relação à opressão que elas vivem.

TM – O que de mais relevante vocês descobriram durante as pesquisas?

Nina Kopko – Talvez o mais impactante foi descobrir que realmente muitas mulheres eram obrigadas a almoçar no vestiário feminino, enquanto os homens almoçavam no refeitório ou no pátio. Já nas fábricas em que elas não eram obrigadas, muitas preferiam almoçar no banheiro por conta do assédio. Tem essa contradição de ser um local de acolhimento.

> "A memória é das ferramentas mais importantes de luta"

TM – Você acredita que hoje existe um ambiente propício para que haja consciência política dentro das empresas?

Nina Kopko – Eu acho que não. Na verdade, a vontade de alienar o trabalhador para que não se discuta política dentro das empresas e que esse mundo polarizado não venha interferir nas relações de trabalho, é uma coisa que não se freia, não se freava naquele momento e não se freia agora. A tecnologia avança, o que nos faz avançar também em discussões e comunicação, mas também se sofisticam os meios de controle, de alienação, de opressão por parte dos donos do capital.

TM – Como foi filmar com uma equipe só de mulheres?

Nina Kopko – Maravilho. Para mim era muito importante que esse filme fosse feito por mulheres, tinha um gesto simbólico, mas também muito concreto de poder compartilhar essa intimidade. Um ambiente em que estão só mulheres é muito diferente de qualquer outro.

TM – O filme tem um contexto político, você acredita que de alguma forma ele pode ajudar na luta das mulheres, como?

Nina Kopko – Minha pretensão é que possamos, a partir do passado, falar sobre o presente e melhorar o futuro. A memória é das ferramentas mais importantes de luta. Vivemos um momento de ameaça gigante aos direitos trabalhistas, acredito que é muito importante olhar para trás, ver a situação em que aquelas mulheres se encontravam e como a luta foi importante para conquistar alguns direitos. Ainda estamos muito distantes do ideal, mas alguns direitos estão sendo tirados e outros estão ameaçados. Que a gente encontre no passado, o eco da luta das mulheres para resgatar a força e batalhar no presente, sempre pensando no coletivo. Esse é um filme sem protagonista, as quatro têm a mesma importância na história.

> "Essa história precisava ser contada, porque a luta da mulher trabalhadora é muito importante, é muito urgente e está cada vez mais ameaçada"

ADONIS GUERRA

ADONIS GUERRA

TRIBUNA NA MÃO

A Comissão das Metalúrgicas do ABC entregou a edição da Tribuna na última sexta-feira, 4, aos companheiros e companheiras nas empresas Apis Delta e Revoluz, em Diadema, e Alumbra, em São Bernardo. A entrega serviu para reforçar a luta das trabalhadoras e convidar todas e todos para a exibição do curta Chão de Fábrica na noite de hoje.

ADONIS GUERRA

ADONIS GUERRA

MULHERES TRABALHADORAS: SEMPRE NA LUTA

A luta das mulheres por melhores condições de trabalho nos remete ao século XIX, quando entram nas atividades industriais, com longas jornadas, em espaços insalubres e perigosos. Desde lá podemos registrar muitos avanços dos movimentos de mulheres, a exemplo das leis de combate à violência doméstica e da presença feminina na política. No mundo do trabalho temos acordos sobre temas como amamentação, saúde da mulher, qualificação, creche e combate ao assédio sexual, além da redução de jornada e salários iguais para ambos os gêneros.

A participação de mulheres no mercado de trabalho salta de 46% em 2002 para 52% em 2021, mas a indústria ainda é um espaço de menor presença. Em nossa categoria, as mulheres ocupam 16,2% dos postos de trabalho, mas esse indicador varia de 10,5% nas montadoras a 18,6% nos demais setores. Dentre os jovens até 29 anos a presença feminina é maior: são 25% nas montadoras e 20% nos outros setores da base.

Uma questão importante continua sendo o diferencial salarial entre homens e mulheres, seja por uma barreira à equidade que permanece presente na sociedade brasileira, seja pelo fato de que as trabalhadoras muitas vezes são impedidas de progredir em suas trajetórias profissionais.

Os avanços existem, mas temos um longo caminho para que as mulheres ocupem seu merecido espaço no mundo do trabalho. E a recuperação da atividade industrial no Brasil precisa também considerar uma maior presença feminina em nossas fábricas.

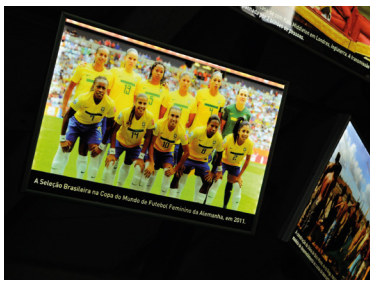
COMENTE ESTE ARTIGO. ENVIE UM E-MAIL PARA SUMETABC@DIEESE.ORG.BR | SUBSEÇÃO DO DIEESE

TRIBUNA ESPORTIVA

FOTOS: DIVULGAÇÃO

- O time feminino do Corinthians ficou entre os melhores do mundo no ranking da IFFHS. O Timão, 7° melhor do mundo, é o único brasileiro na lista.

- Conselheiras do Flamengo apresentarão uma proposta para aumentar a participação feminina no clube. A ideia é que 50% dos próximos sócios proprietários sejam mulheres.



- O Museu do Futebol terá uma programação especial para celebrar o Dia Internacional da Mulher. O evento hoje contará a história do futebol feminino no Brasil.

- A direção do Santos atualizou os dados do Centro de Memórias e incluiu números sobre o futebol feminino. As meninas da Vila não tinham estatísticas divulgadas antes.

COPA DO BRASIL

Hoje-21h30

Fluminense-PI x Santos
Parnaíba